

## ARTIGO

# “A MULTIDÃO CRIMINOSA”: REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA DAS MASSAS E O VANDALISMO DOS ATOS BOLSONARISTAS

FÁBIO GOMES DE FRANÇA

Pós-Doutor em Direitos Humanos pelo Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos da Universidade Federal da Paraíba. Doutor e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba. Pesquisador na área de Sociologia e Antropologia da violência e do Direito e em temas relacionados à Segurança Pública (com destaque para os estudos sobre as instituições policiais militares), Criminologia e Direitos Humanos.

**País:** Brasil **Estado:** Paraíba **Cidade:** Bayeux

**E-mail:** ffsociologia@gmail.com **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0003-1917-840X>

**Data de Recebimento:** 05/05/2023 - **Data de Aprovação:** 14/08/2023

**DOI:** 10.31060/rbsp.2025.v19.n2.1924

---

## RESUMO

O artigo reflete sobre os atos de vandalismo praticados por seguidores bolsonaristas aos prédios dos Três Poderes no Distrito Federal, em janeiro de 2023. Para tanto, a partir de uma abordagem qualitativa baseada em discussão teórica e análise documental (falas de manifestantes extraídas de imagens na data do ocorrido e de reportagens em portais eletrônicos), parte-se dos pressupostos referentes à psicologia das massas a partir do conceito de multidão criminosa, exposto por Le Bon (1980), de modo que as conclusões nos levam a enxergar nos referidos atos os efeitos de uma ideologia política com algumas características fascistas e de via prussiana, que ao se mostrar como um fenômeno inédito, no caso do Brasil, revela também um autoritarismo afetivo que se manifestou associado a uma violência político-ideológica.

**Palavras-Chave:** Bolsonarismo. Psicologia das massas. Violência político-ideológica.

## “THE CRIMINAL CROWD”: REFLECTIONS ON THE MASS PSYCHOLOGY AND THE VANDALISM OF BOLSONARISM ACTS

---

## ABSTRACT

The article reflects on the committed acts of vandalism by Bolsonaroist followers to the Three Powers buildings in the Federal District, in January 2023. We used a qualitative approach based both a theoretical discussion and documentary research: to latter it also was demonstrators speech acts extracted from images on the date of the event and from reports on electronic portals. Therefore, it starts from the referring assumptions to the mass psychology from the concept of criminal crowd exposed by Le Bon (1980). In closing, we found the referred acts as effect of a political ideology with some both fascist

characteristics and Prussian way, that showing itself as an unprecedented phenomenon in Brazil and also revealing an affective authoritarianism that manifested itself associated with political-ideology violence.

**Keywords:** Bolsonaroism. Psychology of the masses. Politico-ideological violence.

---

## INTRODUÇÃO

Em 08 de janeiro de 2023, os noticiários de TV no Brasil divulgavam ao vivo, assim como as redes sociais espalhavam rapidamente, as muitas cenas de uma multidão de seguidores do ex-presidente recém desempossado Jair Bolsonaro destruindo, depredando e vandalizando o Congresso Nacional (sede do Poder Legislativo Federal), o Supremo Tribunal Federal (sede da Corte Suprema brasileira) e o Palácio da Alvorada (que representa o Poder Executivo da União).<sup>1</sup> Os prejuízos foram inúmeros. Nas diversas *lives*, bolsonaristas mostravam-se orgulhosos em relação às condutas criminosas que praticavam, demonstrando, segundo a concepção deles, que estavam realizando um grande feito nacionalista de defesa da Pátria contra o comunismo que retornava ao poder com a posse do agora presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT), que no Brasil assume a posição discursiva de centro-esquerda. Tal posicionamento se traduz por políticas públicas em defesa, destacadamente, dos setores mais vulneráveis da sociedade, com investimentos em áreas como saúde, educação e combate à fome, fortalecendo a participação estatal no gerenciamento da coisa pública.

Os atos vandalistas, que acabaram rotulados ou juridicamente interpretados como golpistas e/ou terroristas pelas autoridades que passaram a combatê-los, deixaram parcela significativa da população brasileira atônita diante do quebra-quebra promovido com inúmeros prejuízos materiais, financeiros e simbólicos a prédios e patrimônios culturais e artísticos que se encontravam nos locais vilipendiados. O ódio generalizado das pessoas, quase todas vestidas com camisas verde-amarelas, que lembram as da seleção brasileira de futebol, e/ou enroladas em bandeiras do Brasil, consistiu em uma violência explícita, irracional e irresponsável, que coloca em suspenso o epíteto de cidadão de bem defendido pelos bolsonaristas, de maneira geral, em relação a eles mesmos.

Como ocorre com a perspectiva da democracia racial (Freyre, 2003) que, de certa forma, oculta a condição de que parte das pessoas em nossa sociedade não revela o racismo que possui em público, porque se torna vergonhoso assumir-se publicamente racista, assim como nos clarificou Fernandes (2013), ao desnudar esse mito, parece-nos que o vandalismo que atingiu a Praça dos Três Poderes em Brasília e os edifícios que a compõem evidenciou o que passamos a chamar de "mito da democracia moral". Isto significa dizer que diversos setores de nossa sociedade, alinhados ao bolsonarismo, das classes mais pobres às mais abastadas, mas destacadamente os setores da classe média, ao mesmo tempo em que assumiram publicamente que são contra a corrupção, especialmente aquela advinda dos políticos petistas, também passaram a proliferar um discurso de ódio racista, misógino, homofóbico e nazifascista, sustentado por metáforas economicistas em nome da meritocracia, revelando um desrecalque conservador (Safatle, 2018).

Esse mito da democracia moral revela ambiguidades explícitas, como a luta contra o aborto ao mesmo tempo em que se defende a pena de morte para criminosos, o que se associa ao racismo culturalista conservador apontado por Souza (2017). As pessoas que sustentam esse mito agem em nome da moral e dos bons costumes, da família tradicional, do homem trabalhador e honesto, da religião, mas são a favor

---

<sup>1</sup> Coincidentemente, o fato nos lembra a invasão do Capitólio, em Washington, por seguidores do extremista de direita e atual presidente reeleito dos Estados Unidos Donald Trump, que ocorreu em 06 de janeiro de 2022.

da tortura em determinadas circunstâncias.<sup>2</sup> São contra os direitos humanos de infratores e baseiam-se na ideia de uma população armada para combater o mal que se alastra socialmente, por não ser culpa do Estado a existência da criminalidade, em certo sentido, mas da vontade racional de indivíduos que insistem em delinquir pela má formação do caráter.

É nesse esteio que surge a extrema-direita, a qual rompe em certa medida a dualidade política anterior entre centro-esquerda e direita, despertando um sentimento maniqueísta sustentado pela violência e pelo ódio, e que encontrou na figura do ex-presidente Jair Bolsonaro seu representante legítimo. O tom impactante do discurso bolsonarista ganhou rapidamente adeptos, fomentado pela nova era digital das redes sociais e pelas *fake news*, que passaram a demonizar as práticas políticas adversárias, a partir de discursos extremistas quanto ao Estado, em defesa do modelo econômico neoliberal norte-americano, o que atingiu as classes menos favorecidas pela força da concepção ideológico-religiosa, especialmente a protestante, e da traição petista que promoveu a corrupção no País, desiludindo parte considerável da população brasileira. Tal poder de manipulação e alcance foi capaz de fortalecer uma ideia de corrupção unidirecional, como se fôssemos afeitos a práticas patrimonialistas em todas as instâncias institucionais e como se o mercado não fosse o principal culpado dessa situação, por meio dos investidores financeiros e da corrupção global que alija os países em desenvolvimento devido às dívidas públicas e aos acordos transnacionais escusos entre governos e empresários globais (Souza, 2017).

Mas o nosso foco, neste texto, é contribuir com o debate sobre o fenômeno da violência praticada pelos seguidores bolsonaristas, se considerarmos que, em conjunto, diante do que realizaram no dia 08 de janeiro de 2023, estamos diante de uma multidão criminosa (Le Bon, 1980), o que nos leva a questionar: quais fatores estão relacionados à depredação dos edifícios dos Três Poderes em Brasília? Diante das diversas experiências recentes em todo o mundo de ascensão de partidos e seguidores de extrema-direita, em suas diversas nuances nacionais, como se caracteriza essa perspectiva no Brasil?

Assim, traçando uma compreensão a partir da psicologia das massas, a qual nos ajuda a refletir sobre os atos de uma multidão criminosa, devemos deixar claro que nossa interpretação é uma tentativa de esclarecer alguns pontos nesse debate, e distante de querermos expor uma explicação estanque que relaciona a ideologia política bolsonarista e seus efeitos violentos com algumas características neofascistas e de via prussiana, tendo como resultado um autoritarismo afetivo, inclinamo-nos a dizer que muito ainda poderá e deverá ser dito acerca desse fenômeno.

## A PSICOLOGIA DAS MASSAS E A MULTIDÃO CRIMINOSA

Como age uma multidão enfurecida, na qual muitas pessoas estão juntas, em tese, com um mesmo propósito? Quando e como uma manifestação extrapola sua caminhada pacífica e passa a usar a violência como recurso de contestação para seus interesses coletivos? No caso do Brasil, a situação acirrou-se com a eleição legítima de Luiz Inácio Lula da Silva, no final de 2022, mas a qual foi contestada como fraudulenta pelos eleitores e seguidores do ex-presidente Jair Bolsonaro, que governou o Brasil entre 2019 e 2022.

<sup>2</sup> O ex-Presidente Jair Bolsonaro, cujo comportamento de seus seguidores/eleitores é analisado neste artigo, afirmou em uma entrevista: “Eu até sou favorável, na CPI do caso Chico Lopes tivesse [sic] pau de arara lá, ele merecia isso, pau de arara, funciona. Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também”. Ver em: Poder 360 (2021), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdK1I>. Acesso em: 3 ago. 2025.

Certamente, o que ocorreu no Brasil no dia 08 de janeiro de 2023 não foi a primeira e, provavelmente, não será a última manifestação popular em que a multidão agiu contra as forças de segurança do Estado e produziu violência generalizada. Talvez dificilmente o fato volte a ocorrer nas condições que se deram, com a destruição dos prédios da Praça dos Três Poderes da República em Brasília, mas, em todo o mundo, outros protestos continuarão a acontecer como formas legítimas de contestação das formas de gestão do Estado. No entanto, na proporção como ocorreram os fatos em Brasília, Le Bon (1980), em sua obra *A psicologia das multidões*, escrita no longínquo 1895, já expressava suas conclusões acerca de como uma massa pode se comportar de forma violenta apresentando características específicas que a nomeiam e que nos serve de ponto de partida para nossas argumentações.

Para Le Bon (1980), a tomada da Bastilha, que fez eclodir a Revolução Francesa de 1789, e os massacres de setembro de 1792 são exemplos *par excellence* do que ele passa a chamar de multidão criminosa, que se apresenta de forma heterogênea e anônima, o que nos faz concluir que, entre os tipos por ele traçado<sup>3</sup>, é a que melhor traduz os bolsonaristas radicais e seus atos antidemocráticos. Durante a tomada da Bastilha, Le Bon (1980) discorre sobre o assassinato do governador da prisão, que foi agredido por uma multidão enfurecida que aventou a ideia de enforcá-lo, cortar-lhe a cabeça ou prendê-lo ao rabo de um cavalo. No entanto, seu destino foi traçado quando "ao debater-se, deu sem querer um pontapé a um dos assistentes. Logo alguém propôs, e a sugestão foi aclamada pela multidão, que o indivíduo atingido cortasse o pescoço ao governador" (Le Bon, 1980, [n. p.]). O mencionado indivíduo tratava-se de um cozinheiro desempregado que passava pelo local e resolveu ver o que acontecia, juntando-se à multidão, de modo que acabou matando o governador por ser a sugestão de todos. Ele utilizou uma faca de cortar carnes, por meio de uma técnica de sua profissão, e ainda achou que cometeu um ato patriótico por executar um monstro.

As cenas de terror causadas pela multidão enfurecida durante os massacres de setembro de 1792 é outro dado a ser considerado. A multidão compunha-se de cerca de trezentas pessoas, entre serralheiros, cabeleireiros, sapateiros, caixeiros e outros comerciantes e artífices. Agindo sob a influência da sugestão grupal, os homens enfurecidos acreditavam que suas ações tinham caráter patriótico, logo, não eram criminosos, mas o que realizaram os colocavam na ambígua função de carrascos e juizes. Não por acaso, Le Bon (1980, [n. p.]) nos diz que: "geralmente, os crimes das multidões são resultado de uma poderosa sugestão, e os indivíduos que neles tomam parte ficam depois persuadidos de que obedeceram a um dever, o que não acontece de modo nenhum com o vulgar criminoso". Em síntese, o autor nos esclarece que:

Compenetrados da importância do seu papel, começam por formar uma espécie de tribunal, e imediatamente se manifestam o espírito simplista e a equidade não menos simplista das multidões. Atendendo ao grande número de acusados, decidem, primeiro, que os nobres, os padres, os oficiais e os servidores do rei, isto é, todos os indivíduos cuja profissão é só por si uma prova de culpabilidade aos olhos de um bom patriota, sejam massacrados em monte sem necessidade de deliberação prévia. Os outros serão julgados pela fisionomia e pela reputação. Satisfeita assim a consciência rudimentar da multidão, pôde ela lançar-se legalmente no massacre e dar curso livre aos instintos de ferocidade que as coletividades podem sempre desenvolver ao mais alto grau. Em todos os seus atos, encontramos sempre estas formas rudimentares de raciocínio, características da

3 Le Bon (1980) reconhece a existência de massas heterogêneas (que podem ser anônimas, como as multidões de rua, e não-anônimas, como as assembleias parlamentares) e homogêneas (seitas, como as políticas e religiosas, castas, como as militares e sacerdotais, e classes, como a burguesa e proletária).

alma das multidões. E assim, depois da matança de doze ou quinze mil inimigos da nação, alguém observa, e a sugestão é imediatamente aceite, que as outras prisões, cheias de velhos mendigos, vagabundos, jovens detidos, encerram na realidade bocas inúteis das quais era conveniente desfazerem-se. A demonstração parece evidente e assim é tudo massacrado em massa, incluindo cinquenta crianças dos doze aos dezessete anos, as quais se presume que viriam a ser inimigas da nação e por isso se têm de exterminar. Depois de uma semana de trabalho, todas estas operações estavam terminadas, e os algozes puderam enfim pensar no seu descanso. Intimamente convencidos que a pátria muito lhes devia, vieram reclamar às autoridades uma recompensa e os mais zelosos exigiram mesmo uma medalha. (Le Bon, 1980, [n. p.]).

As cenas de massacre contra os representantes da nobreza e os prisioneiros durante o período revolucionário francês revelam o comportamento contraditório das pessoas quando investidas da alma coletiva das multidões, pois a luta em nome de ideais como igualdade, liberdade e fraternidade garante-se pelo ódio e pela violência investidos contra os que representam o atraso político-social da Pátria que deve ser defendida desses inimigos. Nesse sentido, Le Bon (1980) argumenta, como vimos, que a multidão criminosa e, de maneira geral, as multidões psicológicas, ao apresentarem uma alma coletiva, especificam-se pela ideia do contágio e da sugestão. As pessoas em uma multidão agem de forma irracional e irresponsável, dando vazão a um estado emocional que neutraliza o raciocínio crítico e torna a ação algo imediatista, pela conformidade aos mesmos comportamentos e crenças compartilhados na massa.

Os atos de uma multidão podem vislumbrar seguir uma ideia, uma causa, mas especialmente um líder, que é reconhecido pelo prestígio que carrega socialmente consigo, o que pensado em termos do que ocorreu no Brasil traduz a figura de Jair Bolsonaro como o ícone a ser seguido por seus fiéis defensores, ao mesmo tempo seguidores e eleitores, cuja alcunha de mito a ele atribuída muito nos diz sobre essa devoção a um político ambíguo, que professa a fé cristã ao mesmo tempo em que defende o armamento da população civil por meio de gestos públicos com as mãos simulando uma arma sendo usada. Foi o que ocorreu em uma aparição pública na qual Bolsonaro, simulando uma arma com um tripé de câmera, ao discursar para apoiadores em Rio Branco, no Acre, durante a campanha presidencial, afirmou: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir para lá. Só que lá não tem nem mortadela. Vão ter que comer capim mesmo”.<sup>4</sup> As palavras de um homem bolsonarista que participou dos atos de 08 de janeiro de 2023 esclarecem essa devoção, quando, ao segurar uma foto de Jair Bolsonaro, que ele retirou da galeria dos ex-presidentes dentro do Palácio do Planalto, ele diz: “Meu herói aqui (mostrando para a câmera do celular o quadro com a foto)! Eu tô na casa dele, na nossa casa aqui!”<sup>5</sup>

Le Bon (1980) deixa claro que a violência da multidão criminosa está associada ao cultivo de um sentimento religioso, de modo que “não se é religioso só quando se adora uma divindade, mas também quando se empregam todos os recursos do espírito, todas as submissões da vontade, todos os ardores do fanatismo, ao serviço de uma causa ou de um ser que se tornou finalidade e guia dos sentimentos e das ações” (Le Bon, 1980, [n. p.]), ainda mais considerando como inimigos aqueles que se recusam a admitir o que a multidão venera.

4 Ver em: O Globo (2018), disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/campanha-confirma-video-em-que-bolsonaro-fala-em-fuzilar-petralhada-do-acre-foi-brincadeira-23033857>. Acesso em: 3 ago. 2025.

5 Ver em: O Tempo (2023), disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=r7XX2\\_vX0OY](https://www.youtube.com/watch?v=r7XX2_vX0OY). Acesso em: 3 ago. 2025.

Como nos elucida Baudrillard (1994), de alguma forma, as massas, sendo aqui entendidas no mesmo sentido de multidão, podem ser percebidas entre certa passividade e uma espontaneidade selvagem. Elas são o que resta quando o social é negligenciado, resistindo impetuosamente à força da comunicação racional. E quando as massas são analisadas a partir de ações que as colocam em simultaneidade com o terrorismo, estamos diante de um fenômeno cuja realidade "traduz uma implosão violenta de todos os nossos sistemas de representação. Sua violência fundamental é de negação de todas as instituições de representação" (Baudrillard, 1994, p. 45). Foi por essa lógica, de destruir as instituições representativas dos Três Poderes da República brasileira, por meio de uma "espontaneidade selvagem", que os bolsonaristas agiram, sob a égide da idolatria ao político que defendem e pela luta contra o inimigo comunista em comum. É o que revela a fala postada nas redes sociais por um homem bolsonarista, conclamando as pessoas para a manifestação na Praça dos Três Poderes, no dia 08 de janeiro de 2023: "É a última chance que temos, para não deixar com que o nosso Brasil vire um país comunista".<sup>6</sup>

Seguindo esse princípio de destruição causado pela massa ou multidão, Canetti (1995) nos diz que nela os homens superam o temor do contato, da proximidade entre eles, gerando-se uma descarga, que seria a superação das diferenças individuais em favor de um sentimento de igualdade entre todos. E dentre as características da massa destaca-se a ânsia de destruição, que muito explica o comportamento dos bolsonaristas ao agirem com ódio a prédios públicos, pois "a massa destrói preferencialmente edifícios e objetos. Como frequentemente se trata de coisas quebradiças – como vidraças, espelhos, vasos, quadros, louça –, inclinamo-nos a acreditar que é justamente esse caráter quebradiço dos objetos que estimula a massa à destruição" (Canetti, 1995, p. 18).

Mas indo um pouco mais além, não é apenas a experiência da possibilidade de quebrar os prédios e objetos por si mesma que impulsiona a ferocidade da massa criminosa, é o ódio simbolizado contra as autoridades políticas e jurídicas que, de certa forma, estão representadas nesses elementos materiais. Como exemplo, temos a cadeira dos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) que foi arrancada pelos bolsonaristas e colocada do lado de fora do edifício, ou a escultura da mulher de olhos vendados segurando a espada da justiça nas mãos, de frente ao STF, que também foi pichada pela massa bolsonarista. Segundo Galzo, Weterman e Affonso (2023, online): "O plenário foi invadido e o local foi depredado. Até mesmo cadeiras dos ministros do Supremo e o brasão da República, que estava fixado no local, foi retirado por manifestantes. "Supremo é o povo" foi uma das frases usadas durante a invasão". Nessa conjuntura Canetti nos esclarece:

A destruição de imagens representando algo é a destruição de uma hierarquia que não se reconhece mais. Violam-se as distâncias universalmente estabelecidas, visíveis a todos e vigentes em toda parte. A dureza das imagens era a expressão de sua durabilidade; elas existem há muito tempo – pensa-se –, existem desde sempre, eretas e inamovíveis; e era impossível aproximar-se delas munido de um propósito hostil. Agora, foram derrubadas e reduzidas a escombros. Nesse ato consumou-se a *descarga*. (Canetti, 1995, p. 18, destaque do autor).

Mas por mais que tal ato de destruição nos leve a pensar em um princípio de liberdade reclamado pela multidão enfurecida, para Le Bon (1980), o que domina as multidões de modo geral, aplicando-se obviamente à sua versão criminosa, não seria a vontade de liberdade, mas de submissão a quem for

6 Ver em: UOL (2023), disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rzCk6nN21HM>. Acesso em: 3 ago. 2025.

elegido como seu senhor. Essa subserviência ideológica opera instintivamente, preenchendo o espaço do raciocínio com a negação à contradição e à discussão, que logo se transforma em atos violentos. Ao sacrificarem-se ao ideal, à causa ou ao líder que passaram a idolatrar, as multidões agem com sentimentos extremos de violência alimentados pelo ódio, que funcionando, como já dito, com um viés religioso em sua forma também se coadunam com a intolerância e o fanatismo. Como exemplo, “os jacobinos do Terror eram tão ferozmente religiosos como os católicos da Inquisição, e o ardor cruel de uns e dos outros provinha da mesma origem” (Le Bon, 1980, [n.p.]).

No Brasil, as falas do ex-presidente Jair Bolsonaro sempre destacaram a defesa do País contra o comunismo, sustentadas pela idealização de Deus, Pátria e família, de maneira que até mesmo o *slogan* governamental, que foi utilizado desde a campanha presidencial, recorria à dose ideológica religiosa, mesmo que o Estado democrático tenha pretensões laicas, ou seja, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (Carvalho; Paiva, 2022). Em síntese, “é como se o líder do país fosse um representante direto da vontade divina, apelando assim para as crenças religiosas da sua audiência, em especial, dos movimentos pentecostais que lhe declararam apoio – movimentos notadamente fanatistas” (Carvalho; Paiva, 2022, p. 228). Nesse caso, “o sobrenatural e o milagroso estão sempre presentes, pois as multidões investem do mesmo poder misterioso a fórmula política ou o chefe que momentaneamente as fanatiza” (Le Bon, 1980, [n.p.]).

## FIGURA 1

### Seguidor bolsonarista com a bandeira do Brasil e imagem do seu “líder”



Fonte: José Cruz/AB (Bento, 2023).

Nesse ponto, Freud (2011) enriquece nossa discussão, ao tratar da psicologia das massas sob o enfoque psicanalítico. Para ele, deve ser feito um questionamento sobre como a sugestão, proposta por Le Bon (1980), se prolifera dentro de uma massa, de modo que o mecanismo da identificação pode ser uma resposta plausível, tendo em vista que o eu ideal reprimido em nível inconsciente pode ter sua representação exatamente na figura de um líder. Logo, esse eu instintual idealizado, que se difere do eu consciente que interage com a sociedade, encontra no líder de uma massa o que cada indivíduo não pode

livremente ser, o que faz Freud (2011) refutar a hipótese de que as massas teriam surgido do instinto gregário de sentir-se a necessidade de se estar em um grupo, pois a figura de um líder é fundamental para a caracterização da massa, que nesse sentido serve de elo de ligação para que a sugestão funcione pela identificação. Tanto que ele usa o Exército como exemplo de uma massa com líder, de modo que se desenvolve uma ilusão na massa, exatamente para mantê-la, de que seu líder ama a todos igualmente e “ele se relaciona com os indivíduos da massa crente como um bondoso irmão mais velho, é um substituto paterno para eles” (Freud, 2011, p. 36).

Se o mecanismo da identificação para Freud surge quando a criança vê no progenitor de sexo oposto seu referencial a ser copiado, no caso o filho que quer ser o pai e se apaixona de forma inconsciente pela mãe, mecanismo esse chamado por Freud (2016) de Complexo de Édipo, a ideia do substituto paterno para uma massa ganha certa relevância explicativa para nosso argumento, já que “o indivíduo renuncia ao seu ideal do Eu e o troca pelo ideal da massa corporificado no líder” (Freud, 2011, p. 72). Ainda mais,

O caráter inquietante e compulsivo da formação da massa, evidenciado em seus fenômenos de sugestão, pode então ser remontado, com justiça, à sua origem a partir da horda primeva.<sup>7</sup> O líder da massa continua a ser o temido pai primordial, a massa quer ainda ser dominada com força irrestrita, tem ânsia extrema de autoridade, ou, nas palavras de Le Bon, sede de submissão. O pai primevo é o ideal da massa, que domina o Eu no lugar do ideal do Eu. (Freud, 2011, p. 71).

As considerações tecidas por Freud (2011) e por Le Bon (1980), que em certo sentido se aproximam quando dizem respeito à presença de um líder nas massas ou multidões, se coadunam às nossas reflexões, tendo em vista que Bolsonaro é um capitão reformado do Exército, logo, um militar, fazendo questão de exibir seu *ethos* castrense para a grande massa de seus seguidores. O discurso público de armamento da população civil, o enaltecimento de militares torturadores do período ditatorial no Brasil, o próprio ufanismo em defender a ditadura militar como um período glorioso da história brasileira, ou até mesmo as demonstrações públicas de pagar flexões de braço (popularmente conhecidas por marinho), exercício físico típico dos militares, talvez demonstrem como esse componente bélico das casernas, absorvido pela massa bolsonarista, tenha contribuído para a sua atuação criminosa em 08 de janeiro de 2023.

Não por acaso, a massa bolsonarista ser composta em grande medida por militares de todos os segmentos e seus familiares e por religiosos, especialmente da vertente protestante, sendo exatamente o Exército e a igreja os exemplos utilizados por Freud (2011) para discorrer sobre uma massa com líder. É notório também destacar que a prévia para os atos criminosos dos bolsonaristas nos prédios dos Três Poderes da República ocorreu de frente aos quartéis do Exército em todo o Brasil, com os acampamentos que foram montados logo após a derrota de Jair Bolsonaro nas eleições de 2022. Nesse período, que se findou após os atos de vandalismo de 08 de janeiro, tanto a imprensa quanto as redes sociais divulgavam homens e mulheres de idades variadas, vestindo a camisa verde-amarela ou abraçados à bandeira brasileira, marchando de frente aos quartéis ou entoando o hino nacional. Inclusive, as cenas endossam a autodenominação utilizada por eles mesmos ao se reconhecerem por patriotas. Além disso, o que também foi revelado mostra como muitos bolsonaristas, em nome da causa de seu líder maior, empreenderam

7 Freud (2011, 2013) descreve a horda primeva como a primeira forma de agrupamento humano, no qual um chefe assumia para si o direito de usar sexualmente das mulheres do grupo, proibindo seus filhos dessa condição. No entanto, os filhos reúnem-se e assassinam o pai, originando a ideia do parricídio. Depois, o arrependimento pela morte do pai, instado pelo sentimento de culpa, faz com que os filhos se organizem e continuem a buscar as mulheres de fora de seu núcleo clânico, fazendo surgir a lógica presente na prática do incesto através da valorização da exogamia, ao mesmo tempo que se dá origem ao totemismo pelo culto ao pai assassinado.

falas e atos de ordem belicosa, com o intuito de promoverem uma guerra civil e atos antidemocráticos. Exemplo dessa situação clarifica-se pelo frustrado atentado à bomba, a qual foi colocada por seguidores bolsonaristas com a intenção de explodirem um caminhão de transporte de combustível, próximo ao Aeroporto de Brasília:

O bolsonarista **George Washington de Oliveira Sousa**, de 54 anos, foi autuado em flagrante por terrorismo, após confessar ter montado um artefato explosivo que foi instalado em um caminhão de combustível, perto do Aeroporto de [Brasília](#). George Washington de Oliveira Sousa foi preso com arsenal em apartamento. Em depoimento aos policiais, o homem disse que o **ato foi planejado por integrantes de atos em favor do presidente Jair Bolsonaro (PL)**, que ocorrem no quartel-general do Exército, em Brasília. Afirmou ainda que o a instalação da bomba tinha o objetivo de **“dar início ao caos”** e que pretendia alcançar a decretação de estado de sítio no país (Falcão; Alves Neto, 2022, online, destaques nossos).

Ao avaliarmos especialmente as ações dos seguidores bolsonaristas no episódio do dia 08 de janeiro de 2023, chegando à constatação de que agiram pela influência da sugestão, do contágio e da irracionalidade, orientados pela identificação com um líder, traçamos um recorte analítico com certa plausibilidade explicativa sobre o fenômeno estudado. No entanto, especialmente no campo dos estudos sobre as manifestações sociais, que não é o nosso foco, outras correntes teóricas apontam explicações diversas, inclusive divergentes a Le Bon e a Freud, acerca dos comportamentos coletivos. Entre as principais, destaca-se, no campo sociológico, os estudos de Turner e Killian (1993) que, por meio da teoria das normas emergentes, nos dizem que os indivíduos agem nas multidões de forma racional e não impulsiva, ao contrário do que afirmamos. Com ênfase na perspectiva individual da interação nas multidões, os autores afirmam que as normas promovem uma reorganização de como os indivíduos irão se comportar, aceitando ou não essas normas, o que mostra a presença de certa força externa em diálogo com a vontade dos indivíduos, mas que negligencia como essas normas passam a ser aceitas e como se espalham entre os indivíduos.

Parece-nos que a teoria das normas emergentes apresenta certa lacuna ao não conseguir demonstrar questões centrais no fenômeno por nós estudado, já que, na identificação com um líder, uma causa ou uma ideia, se revela um fator central, por ser uma projeção do próprio indivíduo em relação às suas vontades, o que nos leva, em sequência, a compreendermos como é preciso também um componente emocional que opere reforçando essa identificação. Nesse caso, o foco nas normas e suas mudanças e adaptações parece não contribuir em nosso argumento, tendo em vista que o que parece se destacar é a relação dos indivíduos consigo mesmos, especialmente a partir de seus valores culturais e inconscientes, que são prolongados às interações com os outros, por meio de um elemento de ligação (o líder, por exemplo), mas que produz, como resultado, comportamentos que podem ser sim violentos e irracionais devido às condições afetivas envolvidas.

Mas, finalmente, que tipo de lógica faz eclodir fenômenos como a massa criminosa bolsonarista? No caso específico do Brasil, que espécie de condição autoritária mobiliza essas pessoas, coletivamente, a agirem em defesa de Jair “Messias” Bolsonaro, cujo sobrenome parece endossar o fanatismo violento de parte de seus seguidores, como se ele fosse um enviado divino para livrar o Brasil do inimigo comunista e dos políticos e eleitores petistas que representam o mal a ser combatido?

## A MASSA CRIMINOSA BOLSONARISTA: DO AUTORITARISMO AFETIVO À VIOLÊNCIA POLÍTICO-IDEOLÓGICA

Ao pensarmos de modo geral nos elementos identificadores da massa criminosa bolsonarista, Machado e Freixo (2019) indicam-nos que o bolsonarismo, enquanto fenômeno político, deve ser observado para além da figura de Jair Bolsonaro, caracterizando-se como uma forma de ver o mundo pautada, especialmente, pelo ultraconservadorismo associado à retomada dos valores tradicionais da sociedade, por meio de um discurso patriótico e nacionalista voltado à crítica a tudo que diga respeito à ala política de esquerda e seus valores progressistas. Por mais que tenhamos várias frentes que despontaram no Brasil com a retórica antipetista, a partir das manifestações de junho de 2013 (pessoas de classe média defendendo uma retórica anticomunista e anticorrupção<sup>8</sup>, segmentos religiosos conservadores, especialmente protestantes, estudantes em defesa da meritocracia, de pautas neoliberais e contra as cotas raciais, *skinheads*, defensores da ditadura militar, monarquistas), que levaram defensores da direita às ruas, em uma guinada que modificava o protagonismo de esquerda assumido pelo PT desde o período ditatorial em manifestações populares na luta por direitos, foi a retórica ideológica liderada por Jair Bolsonaro a que assumiu a representatividade desses novos atores sociais (Machado; Freixo, 2019). Esse conjunto heterogêneo de atores sociais encampou, em uma rede rizomática, a luta em defesa de um moralismo conservador centrado na perspectiva de que,

Está-se na presença de indivíduos e movimentos sociais que alimentam fobias e preocupações generalizadas, acirrando discursos que incitam a violência e a intolerância. Mostram-se fartamente preconceituosos, ratificando que a diferença entre "nós" e "eles" são de fundo e irreconciliáveis. Arregimentam igualmente públicos que, desorientados em meio a uma crise que, além de econômica e política, é também cultural, sentem-se ameaçados pelo desmoronamento de seu mundo, sendo facilmente cooptados para a defesa de causas anti-igualitárias e soluções despóticas. (Messenberg, 2019, p. 40).

A luta messiânica entre "nós" e "eles", ou melhor, entre o "bem" e o "mal", sendo este último, obviamente, o PT e seus representantes comunistas, enfatiza a tônica de violência e intolerância que os grupos bolsonaristas propuseram empreender, cujo desenlace maior se deu com os atos vandalistas de 08 de janeiro de 2023. Provavelmente, caso tivéssemos pessoas dentro dos prédios vandalizados que fossem identificadas como sendo de esquerda, em meio à fúria e ao ódio expressados pela massa criminosa bolsonarista, poderíamos ter revivido cenas como as descritas por Le Bon (1980), ao descrever a Revolução Francesa e os massacres de setembro de 1792. Esse pressuposto ganha força quando assistimos às cenas

8 Ao estudar a psicologia de massas do fascismo, Reich (1988) destaca como a revolta da classe média e seus valores conservadores, nutridos pela repressão sexual que sedimenta o modelo patriarcal de família burguesa que se desenvolveu no Ocidente, foi um dos principais ingredientes que levou ao regime nazista na Alemanha, que encontrou na figura de Hitler um representante legítimo da autoridade assimilada de forma inconsciente, em um processo de socialização castrador na infância que se prolonga até a fase adulta. Logo, estamos diante de um processo reacionário de conduta dessa classe média (especialmente sua camada baixa) que, contraditoriamente, aceita com passividade os ditames do representante autoritário que lhes outorga um discurso massivo de uma liberdade ficcional que, na verdade, se trata de uma gaiola ideológica mobilizada pela retórica nacionalista. Nesse ponto, as explicações de Reich (1988) encontram-se com as de Le Bon (1980) e de Freud (2011), acerca da relação de um líder e o sentimento de idolatria despertado por ele nas massas. Como ainda nos esclarece Reich (1988, p. 67): "na psicologia de massas, o *führer* nacionalista é a personificação da nação. E só se estabelece uma ligação pessoal com esse *führer* se ele realmente encarnar a nação em conformidade com o sentimento nacional das massas. Se ele souber como despertar os laços afetivos da família, nos indivíduos das massas, ele será também uma figura do pai autoritário. Ele atrai todas as atitudes emocionais que foram num dado momento devidas ao pai, severo mas também protetor e poderoso (poderoso na visão da criança). Mas ainda mais importante é a identificação dos indivíduos das massas com o *führer*. Quanto mais desamparado o indivíduo de massa se tornou, em consequência da sua educação, mais acentuada é a sua identificação com o *führer*; isto é, mais a necessidade infantil de proteção é disfarçada sob a forma de um sentimento em relação ao *führer*. Esta tendência à identificação constitui a base psicológica do narcisismo nacional, isto é, a autoconfiança que cada homem individualmente retira da 'grandeza da nação'. O indivíduo reacionário da classe média baixa descobre-se no *führer*, no Estado autoritário".

na Praça dos Três Poderes da massa criminosa bolsonarista investindo contra alguns policiais (aqueles que resistiram) que faziam a guarda dos prédios, tanto que alguns ficaram feridos. Assim como o contágio e a sugestão, no momento da ação, a multidão criminosa é impelida pela irritabilidade e impulsividade em consonância à ausência de responsabilidade, de maneira que “a certeza da impunidade, tanto mais forte quanto mais numerosa for a multidão, e a noção de um poder momentâneo bastante considerável, devido ao número, tornam possíveis no grupo sentimentos e atos que eram impossíveis no indivíduo isolado” (Le Bon, 1980, [n.p.]).

Devido ao comportamento de massa adotado por seus seguidores, bem como pelas características que apresenta, o fenômeno político bolsonarista acabou sendo rotulado de fascista ou neofascista no Brasil. Não podemos negar que o bolsonarismo apresenta a idolatria de um líder com retórica conservadora, bem como o desejo de violência de parte considerável de seus seguidores, mas isso não é suficiente para afirmarmos que o bolsonarismo é um movimento político-ideológico fascista. No máximo, apresenta alguns aspectos.<sup>9</sup>

Para Paxton (2007), o fascismo criou vida oficialmente em 23 de março de 1919, quando cerca de pouco mais de cem pessoas, tendo à frente Benito Mussolini, se reuniram em uma sala da Aliança Industrial e Comercial de Milão para declarar guerra ao socialismo, pelo fato dos socialistas não terem declarado apoio à participação italiana na Primeira Guerra Mundial. Sendo inicialmente batizado de *Fasci di combattimento* (Fraternidades de combate), a reunião contou, especialmente, com a participação de veteranos de guerra, intelectuais futuristas e sindicalistas que apoiaram a guerra, de modo que o nascente fascismo se opunha não apenas ao socialismo, mas também ao pacifismo burguês e sua valorização do indivíduo. Como o próprio nome indica, ser uma Fraternidade de combate demonstra que os fundadores fascistas valorizavam a perspectiva de todo um povo, nutrido por valores bélicos, violentos e nacionalistas, ser conduzido por um líder forte, de perfil militar, que levasse a nação ao triunfo, sem ter de sucumbir ao socialismo ou ao liberalismo, portanto, por um novo caminho.

Ainda mais, o fascismo operou ideologicamente pela lógica da subordinação do indivíduo ao grupo, alimentando certo vitimismo em meio ao sentimento de crise instalado à época devido às consequências da guerra, de modo que essa coesão coletiva acirrou a crença do pertencimento grupal, despertando ao mesmo tempo o ódio àqueles que deveriam ser vistos como inimigos, os quais deveriam ser dominados por uma perspectiva darwiniana, inclusive pelo uso da violência. Somou-se a isso a participação política das massas, a qual possibilitou a disseminação da ideologia política fascista (Paxton, 2007). Nesse sentido, a partir de um olhar, mesmo que sintético, sobre um fenômeno complexo como o fascismo, percebemos no

<sup>9</sup> No Brasil, a única experiência estritamente fascista diz respeito à atuação da Aliança Integralista Brasileira (AIB), movimento fundado por Plínio Salgado, em 1932, o qual, inclusive, foi recepcionado pessoalmente por Mussolini na Itália, em 1930. O integralismo compunha-se de homens e mulheres que adotaram um padrão simbólico de convivência que se traduzia no uso de camisas verdes e gravatas pretas pelos homens e por blusas verdes pelas mulheres, inclusive sendo “camisas verdes” a alcunha que passou a identificá-los. A letra grega sigma era o emblema maior do movimento (traduzindo-se por “você é meu parente” e significando o somatório de todos no projeto de um Estado único e integral) e a saudação entre eles era feita com o braço direito estendido para o alto, ao mesmo tempo em que se falava a expressão *anauê*, de origem tupi. Todos esses símbolos, apenas para destacar os mais notórios, mostram como o integralismo copiava elementos nazifascistas, como as camisas pretas usadas pelos seguidores de Mussolini ou o braço direito estendido seguido da expressão *Heil Hitler* para os nazistas. No caso brasileiro, o movimento fascista integralista adotou elementos que caracterizassem o nosso nacionalismo, cujo lema “Deus, pátria e família”, que tanto foi usado por Jair Bolsonaro, era a síntese pelo desejo de um Estado forte e autoritário, de viés conservador, com destacada inclinação religiosa pela participação de católicos, protestantes e espíritas, que tinha no comunismo o inimigo como sempre a ser combatido, assim como os judeus e o liberalismo econômico por eles propagado. A saga integralista, em sua forma acabada, se findou em 1938, quando seus membros tentaram invadir, não obtendo êxito, o Palácio do governo federal, para depor o ditador Getúlio Vargas, que não cumpriu sua palavra de deixar o Ministério da Educação a cargo de Plínio Salgado, o chefe maior e fundador do integralismo, assim como por ter baixado um Decreto que colocara a AIB na ilegalidade, ao acabar com todos os partidos políticos. Em 1939, Plínio Salgado exilou-se em Portugal. Para maior conhecimento sobre o integralismo ver: Doria (2020) e Gonçalves e Caldeira Neto (2020).

bolsonarismo a ausência de elementos como o desejo pela guerra, o antiliberalismo burguês (ao contrário, boa parte da classe média brasileira seguidora de Bolsonaro é ativamente defensora da concepção de mercado capitalista, com certa apologia ao modelo capitalista norte-americano) ou um intelectualismo futurista, o que se resumiu à figura *fake* de Olavo de Carvalho. E mesmo o fetiche militar bolsonarista resumiu-se aos inimigos internos, não passando da apologia às armas e da defesa do período ditatorial como uma revolução antiguerrilha.

De todo modo, acreditamos que rotular o bolsonarismo de fenômeno fascista não seja o suficiente para caracterizá-lo. Como destacamos na primeira parte deste texto, as massas criminosas agem por contágio e sugestão (Le Bon, 1980), e a sugestionabilidade se explica pela identificação que perpassa os indivíduos que compartilham um elo de ligação pela figura de um líder (Freud, 2011). Mas, nesse sentido, a energia despertada pela massa criminosa, envolvendo-a e impelindo seus participantes a agirem com violência, ódio e ferocidade, também depende de um componente emocional, que nesse caso parece tratar-se de um tipo de afeto de ordem autoritária que ganha força em meio ao conservadorismo compartilhado entre todos pela descarga que os une (Canetti, 1995).

Esse afeto autoritário tinha sido discutido no Brasil de forma incipiente por Ribeiro (2005), que em 2005 fazia um prognóstico sobre como o afeto precisava ser problematizado no campo da política, em relação ao fenômeno das massas, para que ele pudesse ser democratizado, digamos que em um sentido positivo, como uma visão conjunta, por exemplo, entre PT e PSDB (esquerda e direita) sobre os direitos humanos, os dois partidos que polarizavam a política nacional naquele momento. O afeto nesse caso sendo entendido como os sentimentos que mobilizavam as massas em relação a assuntos e temas que, no campo político, geralmente são tratados de forma racional, por meio das políticas públicas. No entanto, essa visão racional do problema se dilui, quando encarado pelas massas que se envolvem emocionalmente com temas especialmente polêmicos, como aborto, crenças religiosas, auxílio financeiro estatal aos mais pobres, gênero e sexualidade. Logo, Ribeiro (2005) chegava à constatação de que não buscar democratizar o afeto na forma como as massas enxergam certos temas poderia levar a política brasileira a um caminho ruim, visto que essa lacuna fazia com que políticos autoritários assumissem esse papel de uso do afeto para se aproximar das massas. Em parte, os prognósticos de Ribeiro (2005) lançam luz para o que viria ocorrer com a eclosão do bolsonarismo, especialmente a partir de 2018, mas o próprio autor incidia seu olhar sobre os políticos de direita, errando em sua visão quando ele mesmo afirmava que “não precisamos chegar a um deputado Jair Bolsonaro, que seria um caso exagerado” (Ribeiro, 2005, p. 16), pois não se previa que a extrema-direita surgiria no Brasil anos depois.

De toda forma, a ideia de estudar um afeto de ordem autoritária no campo político ganha amplitude em nossa discussão, quando relacionamos as características fascistas presentes na multidão criminosa bolsonarista exatamente com o autoritarismo afetivo que se desenvolveu na sociedade imperial alemã de influência prussiana no período bismarckiano (1871-1918). Pensando em uma aproximação dos dois modelos políticos (fascismo e prussianismo), sem querer igualá-los ou confundi-los, ambos os sistemas tiveram como suporte ideológico a manipulação das massas, especialmente a partir do momento em que o voto foi ampliado universalmente para todos os homens, dos mais cultos e ricos aos mais pobres e incultos, inaugurando uma nova forma de fazer política, distanciando-se de liberais e conservadores (Paxton, 2007). O que se vê, portanto, é que a manipulação das massas de modo estratégico-político, com ampla participação nelas da classe média, torna-se o ponto de intersecção para fascistas italianos e alemães com pensamento militarista-aristocrático.

Se antes destacamos sinteticamente as características fascistas que podemos observar na massa criminosa bolsonarista, atentemos agora para como podemos também perceber a presença do autoritarismo afetivo, como mecanismo emotivo inconsciente que nos restava, a partir do conservadorismo próprio do modelo de via prussiana, o que elucida, em certo sentido, o fetiche militar bolsonarista despertado por emoções e sentimentos que flertam com comportamentos reacionários que inibem a força de uma política progressista em nome do retorno do reprimido de épocas de outrora (Cerqueira Filho, 2005). Esse fato foi observado no dia 22 de novembro de 2022, quando seguidores bolsonaristas, acampados em frente ao Quartel-General do Exército em Brasília, por não aceitarem o resultado das eleições vencidas pelo petista Luiz Inácio Lula da Silva, clamavam pela intervenção das Forças Armadas e gritavam: “Forças Armadas salvem o Brasil!”<sup>10</sup>

No caso do Brasil, essas fantasias ideológicas de longa duração, assim como apontadas por Cerqueira Filho (2005), fazem com que os componentes da massa bolsonarista vislumbrem o retorno do período militar, uma época áurea calcada no ideal autoritário de mandar e obedecer, o que fez com que muitos bolsonaristas, como já dito, estivessem de frente aos quartéis do Exército em todo o Brasil, clamando por uma intervenção militar, devido a uma suposta fraude eleitoral e ao retorno de Lula ao cargo de Presidente da República. Como nos coloca Cerqueira Filho (2005, p. 31), como “dar conta de emoções e sentimentos absolutistas (via prussiana) presentes na formação ideológica do Brasil contemporâneo?”.

## FIGURA 2

### Bolsonaristas pedem intervenção militar em Brasília



Fonte: Poder 360 (2020).

Inicialmente, devemos entender por via prussiana uma terceira forma de desenvolvimento do capitalismo, para além do modelo clássico inglês ou da forma colonial implantada em países da América Latina, da Ásia

10 Poder 360 (2022), disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaristas-pedem-intervencao-militar-em-frente-ao-qq-do-exercito/>. Acesso em: 3 ago. 2025.

ou da África. Lênin foi o primeiro autor a utilizar essa expressão, ao escrever sobre o programa agrário da Social-Democracia, entre os anos de 1905 e 1907, no que ficou conhecido como Primeira Revolução Russa. Neste caso, a via prussiana se caracteriza pelo fato de não haver transformações burguesas revolucionárias, de baixo para cima, por meio da luta de classes, mas, ao contrário, o capitalismo se impõe pelos acordos de cima para baixo (em uma verdadeira "revolução passiva"), com a expropriação camponesa para a implementação de técnicas modernas no campo por meio de setores agrários e aristocráticos que possuem grandes propriedades. Foi esse processo social que se estabeleceu na Alemanha durante a segunda metade do século XIX até o final da Primeira Guerra Mundial.

A tarefa da unidade nacional cabia à aliança entre monarquia absolutista e burguesia em desenvolvimento. A burguesia não podia desprezar ou dispensar o apoio do setor agrário, seja pela pujança econômica, pela força política ou pela sedução que a nobreza de linhagem por certo ainda exercia. Por outro lado, a monarquia não podia voltar as costas ao futuro que a burguesia representava (Cerqueira Filho, 2005, p. 33).

No entanto, a questão da "unidade nacional" para os alemães do período da nascente república em 1871 não está centrada apenas nos aspectos econômicos, que tinham na força dos *junkers* agrários e aristocráticos seus representantes legítimos, o que favoreceu a liderança política do imperador Guilherme II da Prússia e seu chanceler Otto von Bismarck, mas também em uma dimensão simbólica que envolveu toda a sociedade alemã do período, tendo em vista o modelo militarista e burocrático próprio da Prússia. A corrente ideológica prussiana, que era completamente contrária a uma configuração social nos moldes liberais burgueses a partir de uma revolução proletária, acentuou um despotismo militar que condicionava comportamentos psicologicamente orientados à crença em um nacionalismo ancorado no passado heroico de seu povo, gerando emoções, sentimentos e valores inconscientes que naturalizaram um modo de vida dos alemães centrado na subordinação ao "princípio do chefe (*fuherer*), à liderança na fábrica, na política, na burocracia, no exército" (Cerqueira Filho, 2005, p. 37).

Elias (1997) também mapeou essa configuração social, ao demonstrar como a sociedade hitlerista foi possível apenas pela sua preparação anos antes com o período aristocrático alemão (1871-1918), no qual a ideia de mandar e obedecer fazia com que as pessoas internalizassem a coação externa, emitindo seus efeitos por meio de práticas e crenças autoritárias e violentas. Os grêmios e as confrarias estudantis duelistas nas universidades, com seus confrontos esgrimistas e os duelos com armas de fogo em nome da honra entre homens adultos, mesmo sendo uma situação legalmente proibida, demonstrava a força dessa lógica social hierarquizante, cuja gênese nos valores aristocráticos prussianos estendeu-se, inicialmente, a burgueses que se aliaram à nobreza para depois se disseminar pelas classes menos abastadas.

Essa herança de um modelo de violência socialmente sancionado (Elias, 1997) disseminou-se no então Império Alemão, especialmente por meio do Exército, já que, quando Oficiais subalternos eram dispensados da profissão militar, tinham emprego garantido no funcionalismo público, de modo que "a vasta maioria dos policiais, carteiros, ferroviários e outros funcionários de baixo escalão do Estado eram ex-soldados que haviam sido socializados no Exército e se comportavam no estilo militar com o qual haviam se acostumado" (Evans, 2014, p. 47). Nos segmentos policiais<sup>11</sup>, os manuais ensinavam formas

11 No Brasil, em pesquisa recente editada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), acerca das Percepções dos Profissionais da Segurança Pública sobre os ataques às sedes dos Três Poderes em 08 de janeiro de 2023, os dados informam que entre 6.351 profissionais (policiais federais e rodoviários federais, policiais e bombeiros militares, policiais civis, guardas municipais), "39,9% dos profissionais ouvidos avaliam que a invasão às sedes dos Três Poderes no dia 8 de janeiro é condenável e não pode ser tolerada, mas ao mesmo tempo entendem que as pautas defendidas pelos invasores eram legítimas e não atentavam contra a democracia" (Lima *et al.*, 2023, p. 2), o que

de comportamento militarizadas, o que criava certo distanciamento com a sociedade que se traduzia na violência policial aplicada contra a multidão em passeatas, pois o povo era visto como um inimigo a ser combatido, ao invés de cidadãos reunidos na luta por direitos (Evans, 2014).

É nesse sentido que podemos falar da violência das massas sob a influência militarista da via prussiana, a partir de aspectos culturais e inconscientes e não meramente econômicos. Esse autoritarismo afetivo, de origem mítico-idealizador e conservadora, então se desenvolveu nas classes médias, alimentando-se de “ideologias moralistas impregnadas de religiosidade e doutrina tomista, presentes no catolicismo romano, mas ainda nas ideias do reformismo protestante luterano, e variantes. A circulação destas ideias se dá como pano de fundo para uma postura autoritária e obediente” (Cerqueira Filho, 2005, p. 77).

No caso da Alemanha, “a impressão, vivida tal qual uma lenda pela população como um todo, era a de que a ‘alma’ alemã só era possível de ser alcançada a partir de uma base antidemocrática; isto é, pela via prussiana” (Cerqueira Filho, 2005, p. 73). Quanto aos atos golpistas, vandalistas ou terroristas, não importa que denominação recebam, mas que não deixam de ser atos violentos, a alma bolsonarista da massa criminosa também tinha crença antidemocrática semelhante, e a via prussiana no fenômeno brasileiro esteve presente desde os acampamentos de frente aos quartéis, à destruição produzida na Praça dos Três Poderes e seus edifícios.

Mas os atos vandalistas de 08 de janeiro são a expressão última de um processo histórico-social que tem raízes em nosso passado. Coutinho (2011) é um dos principais autores a demonstrar que a forma com que a transição capitalista se desenvolveu no Brasil não diz respeito apenas ao modelo de dependência surgido no período colonial e que depois se estruturou pela subordinação ao capital mundial, mas nós também tivemos um processo de modernização conservadora pela via prussiana, cujos mecanismos passam pelo “favor” obtido por homens livres que não eram proprietários durante a escravidão, chegando ao recrutamento “da burocracia civil e militar a partir da época do Segundo Império e sobretudo do período varguista e chegam até a criação pelo regime militar – mediante mecanismos de redistribuição de renda – de um setor privilegiado de tecnocratas dotado de alto poder de consumo” (Coutinho, 2011, p. 47). Na verdade, a visão de Coutinho (2011) nos mostra o legado elitista e autoritário de nossa formação social por meio de uma ideologia prussiana que, assim como na Alemanha no plano econômico, trata-se de uma “revolução passiva”, uma “conciliação pelo alto”, sem participação popular, e estende-se ao plano político-cultural, especialmente pela cooptação das classes médias e intelectuais pelos grupos dominantes, formando as bases de nosso conservadorismo autoritário e de direita.

A ideologia prussiana que ajudou a formar o pensamento autoritário de direita no Brasil materializou-se ainda mais pela radicalização de comportamentos e sentimentos que acabaram se tornando de extrema direita, fazendo do bolsonarismo o show de violência encenado nos bastidores e apresentado, sem o constrangimento público, especialmente pelas redes sociais, de se mostrar abertamente racista ou preconceituoso, por exemplo. O que se vê nesse processo são sentimentos e emoções inconscientes que são, aparentemente, utilizados para demonstrar um quadro racional político-ideológico que, na verdade, é antecedido por condições afetivas calcadas pela fantasia de ódio ao gozo do Outro, ou melhor, se pensarmos nesse Outro como o judeu a ser combatido ou destruído na Alemanha de Hitler, ou os seguidores petistas e a população LGBTQIA+ no caso do Brasil, essa representatividade encontra identificação em um homem forte (Freud, 2011; Reich, 1988), o que traduz uma “utopia retrógrada

---

revela, em certo sentido, que parte considerável dos pesquisados se coaduna com as pautas golpistas. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/223>. Acesso em: 3 ago. 2025.

assentada no rancor e na amargura, capacitando-o a atrair multidões de frustrados, coléricos, ressentidos, que pululavam na sociedade alemã à espera de um líder que lhes apontasse o caminho” (Cerqueira Filho, 2005, p. 49). E para fechar nosso diagnóstico:

Este painel socioeconômico-político se completa com o relativo isolamento do operariado alemão, o que diminui proporcionalmente em muito o seu poder de ação. Assim, a formação ideológica que foi se desenhando de maneira inexorável estava marcada: pelo nacionalismo exacerbado com viés excludente das outras nacionalidades; a partir da noção de “superioridade” dos alemães; pelo racismo; pelo militarismo; pela intolerância crescente por outras correntes ideológicas, tais como o liberalismo, liberalismo jacobino, liberalismo democrático, social-democracia liberal, socialismo marxista. Esta intolerância ideológica acabava por realçar o autoritarismo presente na “via prussiana”. (Cerqueira Filho, 2005, p. 40).

Pelo que se vê, a violência que encontrou no período hitlerista seu acabamento final, mas que foi gestada bem antes no período aristocrático alemão, nos mostra como o autoritarismo afetivo opera, especialmente nas grandes massas ou multidões em um contexto político-ideológico, como o que encontramos na polarização vigente no Brasil, a partir de 2013, mas que eclodiu com força total em 2018 com o bolsonarismo. O evento de 08 de janeiro é apenas uma demonstração de como a história pode caminhar quando uma multidão criminosa, como a bolsonarista, e seu vandalismo destruindo o que via pela frente nos prédios que representam os Três Poderes da República, passa a atuar por meio de uma sugestão (Le Bon, 1980) que encontra identificação em um líder que a representa (Freud, 2011; Reich, 1988) e sendo alimentada, emocionalmente, por sentimentos e emoções inconscientes que são instados pelo ódio ao Outro, por meio de um autoritarismo afetivo (Cerqueira Filho, 2005).

### FIGURA 3

#### Bolsonaristas pedem intervenção militar em Brasília



Fonte: Marcelo Camargo/Agência Brasil (Rodrigues, 2023).

Este ódio e rancor deve ser visto como um combustível emocional, aparentemente sendo mostrado com cores racionais e justificativas éticas, o que fez com que a multidão fascisto-prussiano-bolsonarista se mobilizasse com uma pulsão que a fez destruir ferozmente prédios e objetos, ao mesmo tempo que acreditava destruir aqueles ali representados. Mas ela e seus integrantes fez isso “menos por si e muito mais pelo outro, pelo amor do censor. O amor do censor fechava o círculo” (Cerqueira Filho, 2005, p. 84-85).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando estudamos ou ouvimos falar sobre o período bismarckiano na Alemanha e como seu povo à época se comportava e tinha uma visão de mundo traçada por valores militares que faziam do ato de mandar e obedecer algo natural do cotidiano, ou ainda mais quando vemos como a ideologia nazista e fascista conduziu suas sociedades para a destruição, por meio de uma retórica fanatista de recuperar um passado áureo através do ódio e da violência aos inimigos que impediam esse retorno de se concretizar, cujo Holocausto é o símbolo mundial de toda essa peça, que não é teatral, mas real, ficamos a nos perguntar como tudo isso foi possível e se fenômenos como esses poderiam novamente acontecer nos tempos de hoje.

Certamente, a escalada de políticos de extrema-direita, como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil, prova que é mais que possível a história se repetir, basta que, para isso, exista uma massa ou multidão ávida por alguém que a represente, que faça seus valores conservadores, misóginos, patriarcais, homofóbicos, xenófobos, eugenistas e racistas, mas especialmente fisicamente violentos, despertarem de uma região inconsciente onde estavam guardados, esperando o momento certo para o “desrecale conservador” eclodir.

Quando assistimos estupefatos à destruição dos prédios dos Três Poderes da República brasileira no dia 08 de janeiro de 2023 e o comportamento colérico e cômico, para não dizermos trágico, dos seguidores bolsonaristas na frente dos quartéis, marchando e cantando o hino nacional, a partir de um olhar analítico, não podíamos nos furtar de tentar compreender melhor como é possível fazer com que pessoas em grupos ajam de maneira criminosa, ao mesmo tempo em que afirmam estarem realizando atos patrióticos. Foi assim que vimos os revolucionários franceses matarem violentamente pessoas em nome do humanismo liberal que instalava, sanguinariamente, um novo regime que propunha a liberdade individual contra o despotismo absolutista.

A partir dos estudos de Gustave Le Bon chegamos à massa criminosa, cujas características nos mostram o caminho de como poderíamos traçar o perfil psicológico, digamos assim, da massa criminosa bolsonarista. Em síntese, a massa criminosa age por contágio e sugestão, disseminando ódio, irritabilidade, furor, irresponsabilidade e violência, em defesa de uma causa, ideia ou um líder. É um aglomerado de pessoas preparadas para a destruição de locais, objetos e de outras pessoas consideradas inimigas, mas que precisam especialmente de uma identificação com um líder para atuarem, segundo a perspectiva freudiana, e de um componente emocional que bem se traduz, no caso da parte violenta dos seguidores bolsonaristas, pelo autoritarismo afetivo.

Por fim, especificamente sobre a massa criminosa bolsonarista, acreditamos estarmos diante de um movimento político-ideológico que apresenta algumas características fascistas, especialmente o ódio ao socialismo, não o que fracassou, mas aquele que alçou ao poder político. Além de que é uma multidão que, emotivamente, age pelo afeto autoritário, enquanto sentimentos e emoções inconscientemente

orientados para a adoção de comportamentos militaristas, de via prussiana para o capitalismo, os quais indicam, como bem apontou a visão freudiana, a projeção de um eu idealizado na figura de um líder autoritário. Este é representativo de um pai primevo e castrador, que faz de seus súditos uma marionete coletiva, cuja liberdade depende de ordem e submissão, em uma clássica "servidão voluntária"; como em uma imagem no espelho, na qual o eu conservador encontra guarida para ser ele mesmo, mas por meio das palavras grosseiras e intolerantes de seu líder, dos discursos preconceituosos, dos atos machistas e do modo violento de querer resolver as coisas pela retórica policialesca do "tiro, porrada e bomba".

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUDRILLARD, Jean. **À sombra das maiorias silenciosas**: o fim do social e o surgimento das massas. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Berenice. 08 de janeiro de todos os dias. **Cult**, 6 fev. 2023. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/08-de-janeiro-de-todos-os-dias/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARVALHO, Flaviane Farias; PAIVA, Beatriz Andrade de Oliveira. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos: uma análise do discurso de posse do presidente Bolsonaro. **Revista da Anpoll**, v. 53, n. 1, p. 215-235, 2022. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1614>. Acesso em: 21 jan. 2022.

CERQUEIRA FILHO, Gisálio. **Autoritarismo afetivo**: a Prússia como sentimento. São Paulo: Escuta, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideias e formas. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira**: como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

ELIAS, Norbert. **Os alemães**: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

EVANS, Richard. **A chegada do terceiro reich**. São Paulo: Planeta, 2014.

FALCÃO, Márcio; ALVES NETO, Pedro. Bolsonarista que montou explosivo em Brasília foi autuado por terrorismo; em depoimento, disse que queria "dar início ao caos". **G1**, Distrito Federal, Notícias, 25 dez. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/25/bolsonarista-que-montou-explosivo-em-brasilia-foi-autuado-por-terrorismo-em-depoimento-disse-que-queria-dar-inicio-ao-caos.ghtml>. Acesso em: 29 jun. 2023.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Edição Digital, 2013.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6**: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

GALZO, Wesley; WETERMAN, Daniel; AFFONSO, Júlia. Cadeiras de ministros arrancadas, pichações e janelas destruídas; veja as cenas da depredação do STF. **Terra**, Notícias, Brasil, Política, 8 jan. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/caadeiras-de-ministros-arrancadas-pichacoes-e-janelas-destruidas-veja-as-cenas-da-depredacao-do-stf,c78891fa001657394387824f4e4fe1e2ips87ec6.html>. Acesso em: 30 jun. 2023.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. [s.l.], 1980.

LIMA, Renato Sérgio de; BARROS, Betina; SOBRAL, Isabela; LAGRECA, Amanda. **Informe de análise**: percepções dos profissionais da segurança pública sobre os ataques às sedes dos Três Poderes em 08 de janeiro de 2023. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/123456789/223>. Acesso em: 3 ago. 2025.

MACHADO, Rosana Pinheiro. FREIXO, Adriano de (Orgs.). **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.

MESSENBERG, Debora. A cosmovisão da "nova" direita brasileira. In: MACHADO, Rosana Pinheiro; FREIXO, Adriano de (Orgs.). **Brasil em transe**: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019, p. 25-49.

O GLOBO. Campanha confirma vídeo em que Bolsonaro fala em "fuzilar petralhada do Acre": "foi brincadeira". **O Globo**, Política, Eleições 2018, 3 set. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/campanha-confirma-video-em-que-bolsonaro-fala-em-fuzilar-petralhada-do-acre-foi-brincadeira-23033857>. Acesso em: 29 jun. 2023.

O TEMPO. Conheça os bolsonaristas mineiros que viralizaram nos atos de 8 de janeiro, em Brasília. **YouTube**, Canal O Tempo, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r7XX2vX0OY>. Acesso em: 5 fev. 2023.

PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PODER 360. Apoiadores de Bolsonaro fazem protesto em Brasília e pedem intervenção militar. **Poder 360**, 28 jun. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/apoiadores-de-bolsonaro-fazem-protesto-em-brasilia-e-pedem-intervencao-militar/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

PODER 360. Bolsonaro defende tortura para quem ficar em silêncio em CPI, em maio de 1999. **YouTube**, Canal Poder 360, 18 maio 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VRzVMcOdK1I>. Acesso em: 3 ago. 2025.

PODER 360. Manifestantes pedem intervenção militar em frente ao QG do Exército. **Poder 360**, Eleições, 20 nov. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/bolsonaristas-pedem-intervencao-militar-em-frente-ao-qg-do-exercito/>. Acesso em: 30 jun. 2023.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

RIBEIRO, Renato Janine. O afeto autoritário. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 36, n. 1/2, p. 5-17, 2005. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/558>. Acesso em: 3 fev. 2023.

RODRIGUES, Jéssica. É possível comparar manifestações democráticas com o ato bolsonarista em Brasília?. **Brasil de Fato**, Rio de Janeiro, Política, 14 jan. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/01/14/e-possivel-comparar-manifestacoes-democraticas-com-o-ato-bolsonarista-em-brasilia>. Acesso em: 30 jun. 2023.

SAFATLE, Vladimir. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à lava jato. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TURNER, Ralph; LEWIS, Killian. **Comportamento coletivo**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1993.

UOL. Ataque em Brasília: em vídeo, influenciadores convocaram ato bolsonarista; "última chance". **YouTube**, Canal UOL, 9 jan. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rzGk6nN21HM>. Acesso em: 29 jun. 2023.